

**Os palimpsestos sagrados da *Lavoura Arcaica*/ *The sacred palimpsestes*  
in *Lavoura Arcaica***

Raphael Bessa Ferreira\*

**RESUMO**

Esse trabalho tem o objetivo de averiguar a incidência de textos sagrados das tradições monoteístas do Judaísmo, o *Tanakh*; do Cristianismo, a *Bíblia*; e do Islamismo, o *Alcorão*; no romance *Lavoura Arcaica* (2005), de Raduan Nassar, valendo-se do diálogo entre tais escrituras de modo a observar como a obra brasileira revela-se um palimpsesto das lições sapienciais e tradições ancestrais das culturas abraâmicas. Utiliza-se como suporte teórico os estudos de Alter (2007), Bloom (2005), Pondé (2010) e Miles (1997) acerca da relação entre o sagrado e a literatura, e os conceitos de hipertextualidade de Genette (1982), que afirma ser o palimpsesto um incorporador ou modificador de vários outros textos, mais precisamente quando há a relação que une um hipotexto (texto de partida/escrituras sagradas) a um hipertexto (texto de chegada/*Lavoura Arcaica*). Por fim, algumas reflexões extraídas da fortuna crítica do escritor brasileiro, a partir das discussões de Ceccagno (2009), Coelho (2013), Nejar (2011), Sedlmayer (1997) e Teixeira (2002), serão entrelaçadas na pesquisa de modo a pontuar as temáticas ancestrais permeadas no romance.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Lavoura Arcaica*. Palimpsesto. *Tanakh*. Bíblia. Alcorão.

**ABSTRACT**

*This work aims to investigate the incidence of sacred texts of the monotheistic traditions of Judaism, Tanakh; Christianity, Holy Bible; and Islam, Qur'an; in the novel Lavoura Arcaica (2005), by Raduan Nassar, using the dialogue between such scriptures in order to observe how the novel is a palimpsest of wisdom lessons and ancestors traditions of the Abrahamic cultures. The studies of Alter (2007), Bloom (2005), Pondé (2010) and Miles (1997), on the relationship between sacred texts and literature, are used as theoretical support; and the concepts of hypertextuality, by Genette (1982), which states that palimpsest is an incorporator or modifier of several other texts, more precisely when there is a relation that links a hypotext (starting text/sacred writings) to a hypertext/Lavoura Arcaica). Finally, some reflections extracted from the critical fortune of the brazilian writer will be interwoven to punctuate in the research the ancestral themes presentes in the novel, mainly from the discussions of Ceccagno (2009), Coelho (2013), Nejar (2011), Sedlmayer (1997) and Teixeira (2002).*

**KEYWORDS:** *Lavoura Arcaica*. Palimpsest. *Tanakh*. Holy Bible. *Qur'an*.

**1 Introdução**

Em algumas obras da literatura universal, sejam elas em verso ou em prosa, verifica-se um fenômeno de amplo diálogo com textos outros, já consagrados, que lhes são antecedentes e fonte de influência. O legado que alguns textos deixam à posteridade diz respeito não apenas à sua própria história enquanto obra imaterial de grande força valorativa à humanidade, mas também à história de novas tessituras, que lhe são devedoras e herdeiras diretas.

O enredo de uma obra, as discussões que ela enseja, os estilos e as temáticas permeadas em sua escritura, tudo compõe uma identidade que pode, mais tarde, determinar

---

\* Doutorando em Filologia e Língua Portuguesa pela USP. Docente da Cátedra de Estudos Literários da UEPA. Endereço eletrônico: ru-98@hotmail.com

novos percursos na produção artística mundial, podendo ser, portanto, fonte constante de diálogo com as gerações sucessivas, que, por sua vez, serão retribuidoras de seus antecessores. Harold Bloom (2005) nomeia este fenômeno de ansiedade da influência, que se reporta à constante e titânica luta entre o já canonizado, e balizado pela crítica, e os artistas posteriores, ou aqueles que tentarão, de algum modo, evitar a simples influência e também dependência dos seus “mestres” antecessores.

O *Ulisses*, de James Joyce, por exemplo, simula variados estilos de escrita já consagrados na historiografia literária no intuito de comportar uma espécie de “suma” de todos os códigos canonicamente estabelecidos, tudo isso com o objetivo de atualizar temas e *motifs* da *Odisseia*, de Homero. Ademais, a obra-mor de Joyce suscita, para além de uma mera releitura da epopeia grega, uma verdadeira sistematização das experiências literárias anteriormente traçadas, subvertendo-as, é claro, num exercício de apreender a totalidade da cultura humanística, sendo, portanto, um livro que veio à baila para acabar com todos os outros livros posteriores, o que já se mostra como característica oposta à *Odisseia*, que iniciou a literatura ocidental.

Do estilo shakespeariano, passando pelas técnicas de escrita filosófica, teológica, náutica, dentre outras; até chegar ao uso de recursos expressivos utilizados por toda uma cultura letrada ocidental, Joyce promove uma verdadeira panaceia literária para homenagear, e mesmo pôr em diálogo, vários escritores e modos de escrita. Não por acaso, são muitos os intertextos ocultos nessa obra prima da literatura.

Já na poesia, tal aspecto é nuclear nos *Quatro Quartetos*, de T.S.Eliot; e nos *Cantos*, de Ezra Pound. Se naquele há uma clara referência aos textos pré-socráticos (Heráclito, por exemplo), aos escritos hindus (*Upanhishads* e *Bhagavad Gita*) e aos textos exegéticos e teológicos da Igreja (vide Santo Agostinho); neste, a dispersividade de estilos e técnicas dos mais variados tipos de escrita literária criados ao longo da história da humanidade são jungidos num aglomerado impressionante de recorrências e uso de pastiches. Os *Cantos* são, de fato, a constituição de um imenso monumento literário de nossa época, como afirmou Otto Maria Carpeaux (2011).

Na literatura brasileira, Machado de Assis, principalmente nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, fez um apanhado de textos clássicos esteticamente alinhados ao erudito discurso do narrador-personagem da obra. A *Bíblia*, os moralistas franceses, os textos historiográficos da vida privada greco-romana, os escritos sagrados do cristianismo e outras

tessituras clássicas são alguns dos muitos recursos intertextuais dos quais o bruxo do Cosme Velho se valeu ao tecer sua obra capital.

O uso de elementos temáticos e estilísticos já hegemônicos por um autor, ou por uma obra já canonizada na história da cultura mundial, encontra em *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar (2005), um ponto de culminância na literatura brasileira até então. As ressonâncias árabes, bem como as bíblicas e judaicas, se fazem presentes no romance não somente ao resgatar-se temas da cultura do Médio Oriente, mas também ao simular o estilo textual dos livros do *Velho* e do *Novo Testamento*, e também das Suratas do *Corão* islâmico.

Com essas possibilidades de diálogos ancestrais e sagrados inclusos no tecido romanescos nassariano, depreende-se à obra não apenas um mero jogo intertextual, no qual a simples alusão a outros textos faz remeter à interpretação global das camadas inferiores de sentido da trama, mas também a toda uma gama de variações intermitentes no estilo e nas variadas técnicas empregadas no romance brasileiro, que aglutina a forma das narrativas ancestrais sagradas dos povos abraâmicos.

Como já havia sido apontado por Sabrina Sedlmayer, em *Ao lado esquerdo do pai* (1997), “Podemos constatar que a filiação desse romance pertence muito mais ao tronco literário inaugurado pelos arcaicos caracteres hebraicos, os precursores das histórias e dramas, do que à narrativa mitológica dos gregos. (SEDLMAYER, 1997, p.51). E Carlos Nejar apontara, em sua *História da Literatura Brasileira*, para as vozes ancestrais do Oriente Médio imbuídas na *Lavoura*, de Nassar: “Um sentimento incestuoso e interdito invade o livro, que é, sim, um coro de ancestralidades, em prosa alegoricamente poética. Uma exuberante língua de vozes soltas e animais que vão ao poço, à memória” (NEJAR, 2011, p.911)

Sendo assim, não pode ser alheia à interpretação da obra o método de escavação e procura dos substratos intertextuais imbuídos na lavoura de Nassar. Afinal de contas, qual um mosaico complexo e composto por múltiplas camadas textuais, o palimpsesto nassariano comporta em si mesmo um texto de chegada, sendo um hipertexto, enquanto que as escrituras sagradas se configuram como textos de partida, ou hipotextos, como bem formulou Genette (1982).

Dessa forma, uma leitura atenta de *Lavoura Arcaica* em constante diálogo com os textos sagrados do cristianismo, do judaísmo e do islamismo, faz-se de suma importância para desvelar-se a planta-baixa ancestral presente no estilo e nas temáticas íntimas ao texto de Nassar. Não por acaso, como bem pontou Antônio Magalhães: “Um texto nunca é mero

desdobramento de outro, ele é também sua ampliação ou redução” (MAGALHÃES, 2000, p.206).

Ou seja, a transmissão das tradições, fonte primária das questões postas no romance de Nassar, é matéria tanto da relação dialogal existente entre os textos influenciadores (como o *Tanakh* judaico, a *Bíblia* cristã e *Alcorão* islâmico) quanto modo definidor dos aspectos criativos, e não menos responsivos, perpetrados pelo escritor brasileiro em meio ao embate de sua obra com as escrituras mote de sua de origem, os seus verdadeiros antecessores e influências diretas.

## **2 Nos caminhos hebraicos da lavoura de Nassar**

Os ensinamentos e as doutrinas hebraicas presentes em *Lavoura Arcaica* são muitas, mas destacam-se, sobretudo, a provenientes da literatura sapiencial do *Quohelet* (*Eclesiastes*), dos *Provérbios* e do *Livro de Jó*, obras que compõem parte do *Tanakh*, livro sagrado no judaísmo e equivalente ao Antigo Testamento bíblico.

As três obras compõem uma modalidade de sabedoria a qual Harold Bloom destacou como “prudente e cética” (BLOOM, 2005, p.23), e todas refletem, em *Lavoura Arcaica*, uma síntese sapiencial da conduta dos homens diante da passagem do tempo, o marco do aspecto perecível da existência

### **2.1 Os ensinamentos do Quohelet**

O *Quohelet*, também conhecido como *Eclesiastes*, é um livro pertencente à tradição judaico-cristã que, de forma filosófica e poética, incide reflexões sobre a finitude da vida e da nulidade do ser humano ante a sua existência. A experimentação do tempo, suas significações diante dos seres, sua efemeridade e traspassamento provocam ao homem múltiplas situações questionáveis na sua relação com Deus.

Partindo da noção de que “tudo é vaidade”, de que tudo é mutável e fugaz, no embate eterno entre o tempo e os seres o *Eclesiastes* propõe-se a colocar o homem de volta ao seu lugar originário, abaixo e submisso a Deus, uma vez que Este é o responsável pela condução dos acontecimentos daquele. A descrença no orgulho mundano e no êxito como única obtenção de satisfação (a “vaidade”, portanto), leva o homem a distanciar-se da noção sagrada imposta pelo Deus de Israel.

Nada permanece, tudo muda. E no *Quohelet* a sabedoria incide justamente em discorrer sobre a fugacidade da existência e sua fragilidade banal, como nos *Eclesiastes*, 1:7:

“Todos os rios correm para o mar, e o mar nunca transborda; embora cheguem ao fim de seu percurso, os rios sempre continuam a correr” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.860). A temporalidade infinita e a vida passageira marcam as relações humanas nos ensinamentos deste texto. Segundo Pondé, (2010)

A história se repete, iludindo-se aquele que pensa estar diante de algo novo: o humano é ancestral em seu afã de viver e nas suas paixões, apesar dos insensatos (categoria que descreve o humano que não sabe ser um punhado de pó que conhece seu Criador) não saberem disso. (PONDÉ, 2010, p.203)

No nono capítulo de *Lavoura Arcaica* há, em um dos sermões do pai, Iohaná, a discussão sobre o tema da força inabalável que é o tempo:

O tempo é o maior tesouro de que um homem pode dispor, embora inconsumível, o tempo é o nosso melhor alimento, sem medida que o conheça, o tempo é, contudo, nosso bem de maior grandeza, não tem fim; é um pomo exótico que não pode ser repartido, podendo entretanto prover igualmente a todo mundo; onipresente, o tempo está em tudo; existe tempo, por exemplo, nesta mesa antiga” (NASSAR, 2005, p.51-52).

Em relação estrita, destaca-se que o *Eclesiastes* é, de fato, fonte primária para as reflexões do pai à mesa, vide o seguinte excerto, extraído da escritura sagrada:

Debaixo do céu há momento para tudo, e tempo certo para cada coisa. Tempo para nascer e tempo para morrer. Tempo para plantar e tempo para arrancar a planta. Tempo para matar e tempo para curar. Tempo para destruir e tempo para construir. Tempo para chorar e tempo para rir. Tempo para gemer e tempo para bailar. Tempo para atirar pedras e tempo para recolher pedras. Tempo para abraçar e tempo para se separar. Tempo para procurar e tempo para perder. Tempo para guardar e tempo para jogar fora. Tempo para rasgar e tempo para costurar. Tempo para calar e tempo para falar. Tempo para amar e tempo para odiar. Tempo para a guerra e tempo para a paz (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.861-862)

Em *Lavoura Arcaica*, ainda no sermão à mesa, o pai promove uma discussão de atribuição de características eloquentes ao tempo, personalizando este fenômeno natural: “o tempo sabe ser bom, o tempo é largo, o tempo é grande, o tempo é generoso, o tempo é farto” (NASSAR, 2005, p.56-57). As adjetivações impostas ao elemento natural personalizado, o tempo, remontam às frases e períodos oracionais do texto hebraico, que repetem os valores e virtudes do fenômeno, de modo a reiterar ao leitor aquela experiência do ritmo de vida mais “simples e vagaroso do antigo Oriente Próximo, cada ensinamento, cada predição, cada ação, tinha de ser repetida, palavra por palavra, com inexorável literalismo, de modo a ser obedecida, realizada ou relatada” (ALTER, 2007, p.137).

Vale destacar ainda que o sermão sobre o tempo está presente no capítulo de número 9 (nove) de *Lavoura Arcaica*, quantia de valor altamente simbólico no que diz respeito ao tempo, conforme conceitos místicos e esotéricos que provém de doutrinas sagradas: “o nove anuncia ao mesmo tempo um fim e um recomeço, isto é, uma transposição para um plano novo. Encontrar-se-ia aqui a ideia de novo nascimento e de germinação, ao mesmo tempo que a da morte” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p.644).

Ora, a figura do tempo é a maior prova de tal argumento justamente por possuir em sua natureza um movimento cíclico, e não seria à toa que Nassar retoma o ensinamento do *Quohelet* para revalidar, justo no sermão do genitor da família, a função ritualística da transmissão de uma dada experiência, em tom sapiencial, remodelando-a, para tanto, à célere exposição por meio de vírgulas; diferentemente do texto hebraico, em que a anáfora ocorre por meio das pausas longas às quais o sinal do ponto incide ao ritmo do texto, mais lento e vagaroso.

Nesta relação com o tempo, a fugacidade torna-se questionável mediante os esforços e trabalhos do homem. Com isso, o questionamento é claro no *Eclesiastes* (1: 3): “Tudo é fugaz! Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol?” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.860). E na *Lavoura Arcaica*, em mais um sermão do pai, a resposta é óbvia: “não se deve contudo retrair-se no trato do tempo, bastando que sejamos humildes e dóceis diante de sua vontade, abstendo-nos de agir quando ele exigir de nós a contemplação, e só agirmos quando ele exigir de nós a ação” (NASSAR, 2005, p.56).

## **2.2 Paciência e Sofrimento: Jó**

O tempo, elemento principal na trama da narrativa nassariana, é símbolo da tradição, dos valores e dos costumes de um povo e de uma família. A paciência, imagem que simboliza também o tempo, se apresenta no romance enquanto inimiga de André, o personagem desgarrado da família e narrador da obra. Símbolo de sabedoria e virtude para o pai, Iohaná, a paciência, nas palavras deste, deve ser trabalhada e ensinada desde cedo em casa. Contudo, André, devido à força do amor materno, acolhedor e excessivo, torna-se, por conta própria, um personagem isento destes ensinamentos da paciência. Para Ceccagno (2009):

A tradição e a religião, portanto, não podem ser relacionadas à simbologia de uma luz excessiva, ofuscante. Essa luz é assim somente para o narrador, para quem a família e todos os elementos culturais que ela traz consigo são opressivos. A luz da família, no entanto, é melhor representada pela justa medida: nada faltando, nada em excesso. Pode-se, inclusive, relacionar essa justa medida à valorização da paciência, segundo a qual o indivíduo não

pode controlar o tempo; deve, pelo contrário, esperar as sementes germinarem, sem jamais tentar apressar os frutos. (CECCAGNO, 2009, p.286)

Nota-se que nos ensinamentos presentes em *Lavoura Arcaica*, é pelos sermões do pai que ocorre reiteradamente a advertência à família sobre as proezas do tempo, bem como sobre os modos e meios sapienciais de experimentar tal condição. Contudo, vivenciar esta experiência mostra-se uma condição sofrível por excelência, visto exigir do ser um constante trabalho de resistência, e de aceitação de uma força inabalável:

Meu pai sempre dizia que o sofrimento melhora o homem, desenvolvendo seu espírito e aprimorando sua sensibilidade; ele dava a entender que quanto maior fosse a dor tanto ainda o sofrimento cumpria sua função mais nobre; ele parecia acreditar que a resistência de um homem era inesgotável. (NASSAR, 2005, p.171)

Se o livro de Jó é a pura *teologia do sofrimento*, como aborda Jack Miles (1997), então é evidente no romance brasileiro a presença de uma verdadeira elucubração acerca do sofrimento diante do tempo, das adversidades da vida e da conseqüente paciência exigida no convívio com a perfectibilidade da natureza, tornando-se mote de especulação do texto literário. Não é mero acaso, por exemplo, o que se depreende da frase do pai, Iohána: “é através da paciência que nos purificamos, em águas mansas é que devemos nos banhar, encharcando nossos corpos de instantes apaziguados” (NASSAR, 2005, p.57).

Ora, se a relação de paciência com o tempo abole quaisquer sentimentos sofríveis ao ser, nada mais evidente do que concordar com a acepção de que “O livro de Jó é um livro sobre santidade” e que santo “é aquele que se esquece de si mesmo e se aproxima da Santidade” (PONDÉ, 2010, p.207). Daí o aspecto sagrado que a filosofia hebraico-cristã pontua à existência mediante a prática virtuosa de humildade diante do divino, do convívio com o tempo e da relação com Deus, como em *Jó*, 42: 6: “Por isso, eu me retrato e me arrependo, sobre o pó e a cinza” (BÍBLIA SAGRADA 1997, p.670).

O sacrifício do homem deverá dar-se ao redor da união familiar, segundo palavras proferidas pelo pai em sermões à mesa, e o confronto com o tempo, tanto quanto o respeito inerente à sua experimentação, pressupõe habilidade intuitiva e destreza de submissão durante o contato com o fascinante, pois “[...] é forte quem enfrenta a realidade” (NASSAR, 2005, p.164). E as lições do patriarca fazem ressoar na tessitura literária os ensinamentos sapienciais das tradições do Médio Oriente:

...e quanto mais engrossam a casca, mais se torturam com o peso da carapaça, pensam que estão em segurança, mas se consomem de medo, escondem-se dos outros sem saber que atrofiam os próprios olhos, fazem-se prisioneiros de si mesmos e nem sequer suspeitam. (NASSAR, 2005, p.145).

### **2.3 A Sabedoria dos *Provérbios***

Como visto, o texto nassariano se vale do diálogo com a tradição hebraica do *Eclesiastes* (o *Quohelet*) e do livro de Jó para discorrer reflexões sobre o tempo, o trabalho e a paciência. Entretanto, a estes textos sagrados pode-se ainda inferir no tecido romanescos do autor brasileiro a confluência formal, estilística e mesmo temática com os *Provérbios*.

Em muitos dos sermões do pai à mesa, Raduan Nassar emula a escrita de estilo aforístico dos provérbios de Salomão, e que possui o claro objetivo de ser matéria de instrução moral. Tome-se como exemplo o seguinte trecho do romance: “era o pai que dizia sempre é preciso começar pela verdade e terminar do mesmo modo” (NASSAR, 2005, p.41); que abertamente remete ao seguinte provérbio: “Quem diz a verdade proclama a justiça; a testemunha falsa proclama a mentira” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.843).

Novamente, e em discussão aberta sobre o tempo, Nassar se utiliza de determinado trecho proverbial hebraico de modo a encerrar uma meditação acerca da prudência: “Não adianta agir sem refletir, pois quem apressa o passo acaba tropeçando” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.848); que no romance é retomado com certa similaridade em algumas passagens, fazendo alusão à mensagem de ensinamento do provérbio: “ninguém em nossa casa há de dar nunca o passo mais largo que a perna: dar o passo mais largo que a perna é o mesmo que suprimir o tempo necessário à nossa iniciativa” (NASSAR, 2005, p.53).

O diálogo pai-filho conduz à estrutura narrativa do romance as discussões sobre tempo, tradição e ruptura da tradição. Há aí o confronto das palavras conservadoras e tradicionalistas do pai contra o discurso moderno e revolucionário do filho, que não obedece ao transcurso não-movente do tempo e da tradição. Isso fica evidente quando se toma à imagem do filho a intenção de vencer a temporalidade, a tradição, que é determinada “pelos desejos parentais de perpetuação da linguagem. Numa perspectiva progressista, todo elemento segundo é filho do precedente” (DURAND, 2001, p.304). Daí Nassar enovelar em um capítulo específico da narrativa o diálogo pai-filho, qual um duelo, um combate entre ideias ora de disciplina e de ordem (pai), ora de contravenções e de desordens (filho): “- Não há proveito em atrapalhar nossas ideias, esqueça os teus caprichos, meu filho, não afaste o teu



pai da discussão dos teus problemas.” (NASSAR, 2005, p.160); que se relaciona com a passagem proverbial: “Filho sensato aceita a correção do pai; filho insolente não escuta a repreensão” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.843).

O debate de ideias, que não deixa de ser um debate entre gerações distintas, sobreleva uma simples contenda de ideologias, já que, mais além, mostra-se uma composição tácita que remete aos provérbios da tradição judaico-cristã mesmo na discussão sobre um metadiscorso: “Quem muito fala acaba ofendendo; a pessoa prudente põe freio na boca” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.842); “Para que as pessoas se entendam, é preciso que ponham ordem em suas ideias. Palavra com palavra, meu filho” (NASSAR, 2005, p.158).

Se a exteriorização das ideias de André mostra-se matéria de debate à mesa familiar, não menos produtivas serão as objeções paternas ante aos modos e exposição do raciocínio do filho pródigo: “- Nesta mesa não há lugar para provocações, deixe de lado o teu orgulho, domine a víbora debaixo da tua língua, não dê ouvido aos murmúrios do demônio, me responda como deve responder um filho” (NASSAR, 2005, p.166-167); que encontra fonte nos seguintes ensinamentos proverbiais: “A boca sincera aplaca o ódio, mas quem espalha a calúnia é insensato” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.842); “Resposta calma aplaca a ira; palavra mordaz atíça a cólera” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.845).

A retórica paterna é caracterizada pela constante reiteração de orações imperativas, o que evoca ao tecido poético nassariano ecos das lições ancestrais do homem hebreu: “Tendemos a imaginar que, no ritmo de vida mais simples e vagaroso do antigo Oriente Próximo, cada ensinamento, cada predição, cada ação tinha de ser repetida, palavra por palavra, com inexorável literalismo, de modo a ser obedecida, realizada ou relatada.” (ALTER, 2007, p.137).

E chega a ser de todo essencial a conexão que se faz entre o discurso ordenador e centralizador paterno com os traços da linguagem dos provérbios, com suas sentenças pedagógicas e instrucionais. Exemplo é o trecho em que a repreensão paterna ao vinho, elemento propulsor da cólera de André, é diluída na fala do irmão mais velho, Pedro: “e nem você deve beber mais, não vem deste vinho a sabedoria das lições do pai” (NASSAR, 2005, p.38), que retoma o provérbio: “O vinho provoca insolência, e o licor causa barulho: quem se embriaga com eles não chega a ser sábio” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.848).

### **3 Evangelhos Cristãos de Lucas e Mateus: parábolas e metáforas do esplendor**

Em se tratando dos sermões do pai, vale destacar a referência que Nassar faz ao Evangelho de Lucas, mais precisamente do capítulo 11 e dos versículos 34, 35 e 36, onde Jesus Cristo, ao falar sobre a estória de Jonas e a Baleia, tece um relato sobre a luz do corpo, os olhos: “E me lembrei que a gente sempre ouvia nos sermões do pai que os olhos são a candeia do corpo, e que se eles eram bons é porque o corpo tinha luz, e se os olhos eram limpos é que eles revelavam um corpo tenebroso” (NASSAR, 2005, p. 13), que retoma as passagens do Novo Testamento: “A candeia do corpo é o olho. Sendo, pois, o teu olho simples, também todo o teu corpo será luminoso; mas se for mau, também o teu corpo será tenebroso” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.1336); “Se, pois, todo o teu corpo é luminoso, não tendo em trevas parte alguma, todo será luminoso, como quando a candeia te ilumina com o seu resplendor” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.1336).

Muito já discutido pela crítica, mas que não se pode deixar olvidar neste trabalho, é a retomada da parábola do *Filho pródigo*, quando o anseio por se tornar livre e independente faz com que o filho mais novo fuja de casa em busca de um mundo diferente daquele em que vive, à sombra do acolhimento do pai. A questão dos ensinamentos sobre o tempo e a revolta da juventude existe nos dois textos, claro que em *Lavoura Arcaica* tudo pode ser visto com mais clareza, haja vista a rebeldia de André para com o tempo, simbolizado pela figura do pai.

Cumprir destacar, também, a representação da figura da ovelha separada do rebanho, ou a simbologia da ovelha desgarrada, tresmalhada, que deixou-se perder. No romance, André é tido como o filho desgarrado, a quem Pedro teria de resgatar: “ele cumpria a sublime missão de devolver o filho tresmalhado ao seio da família” (NASSAR, 2005, p. 16). No Novo Testamento, antes de iniciar a parábola do filho pródigo, Jesus narra a parábola da ovelha tresmalhada:

Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove, e não vai após a perdida até que venha a achá-la? E achando-a, a põe sobre os seus ombros, gostoso; E chegando a casa, convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida. (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.1336).

Há também no Evangelho de Mateus uma alusão ao fenômeno da ovelha que se desgarrar das demais:

Se um homem possui cem ovelhas e sucede que uma delas se desgarre, não deixará ele as outras noventa e nove na montanha para ir à procura da que se desgarrou? E se consegue reencontrá-la, na verdade, eu vos digo, ele sente mais alegria por esta do que pelas noventa e nove que não se desgarraram. (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.1456).

Após o retorno do filho pródigo à casa, tem-se as seguintes frases proferidas pelo pai: “Porque este meu filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido, e foi achado” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.1336); “Mas era justo alegrarmo-nos e folgarmos, porque este teu irmão estava morto, e reviveu; e tinha-se perdido, e achou-se” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.1336). Muitas vezes, a imagem da ovelha desgarrada é associada a André não só no sentido deste ter se perdido (separação familiar e espiritual), mas também no sentido de achar-se, encontrar-se, como é proposto por duas vezes na parábola do filho pródigo e na parábola da ovelha tresmalhada. Em *Lavoura Arcaica*, por exemplo, o pai diz: “Abençoado o dia da tua volta! Nossa casa agonizava, meu filho, mas agora já se enche de novo de alegria!” e também “aquele que tinha se perdido tornou ao lar, aquele pelo qual chorávamos nos foi devolvido” (NASSAR, 2005, p.148-149).

#### **4 Nas páginas corânicas do Islã: lições do tempo e da vida**

O diálogo de *Lavoura Arcaica* com o *Alcorão* é perceptível em algumas passagens do romance. De modo mais preciso, também em alguns sermões do pai, que à esta altura já se mostra como o personagem verbalizador das tradições e dos ensinamentos das três religiões monoteístas vindas do Oriente Médio.

Teixeira (2002) já havia considerado que a prosa nassariana bebe da mistura entre linguagem bíblica e corânica, dando destaque ao estilo aforístico e pedagógico sobre os assuntos interditos (como o incesto, por exemplo). Todavia, se o *Corão* é o mais recente dos três livros sagrados com os quais o romance dialoga, não é de se estranhar que dele Nassar também retoma ensinamentos sobre o tempo, como nas reflexões acerca da semente, do semeador e da natureza vivencial do homem, analogias da união familiar: “e pode haver tanta vida na semente, e tanta fé nas mãos do semeador, que é um milagre sublime que grãos espalhados há milênios, embora sem germinar, ainda não morreram.” (NASSAR, 2005, p.161). Este trecho faz a ponte hipertextual, enquanto planta baixa, da Surata 48, versículo 29, “Al Fath – O triunfo”: “[...] como a semente que brota, se desenvolve e se robustece, e se firma em seus talos, compraz aos semeadores, para irritar os incrédulos” (ALCORÃO SAGRADO, 2010, p.310).

Já as metáforas e simbologias da passagem do tempo, do nascimento, crescimento e morte (o ciclo da vida), podem ser exemplificadas no seguinte trecho da obra brasileira: “ninguém ainda em nossa casa há de dar um curso novo ao que não pode desviar, ninguém há de confundir nunca o que pode ser confundido, a árvore que cresce e frutifica com a árvore

que não dá frutos, a semente que tomba e multiplica com o grão que não germina” (NASSAR, 2005, p.167). Nota-se que as imagens da semente, dos grãos, do plantio e do cultivo da terra (objetos de trabalho comuns à vida na lavoura) são constantemente retomadas no discurso paterno, nos sermões à mesa, cuja fonte provém da Surata 18, versículo 45, “Al Cahf – A Caverna”: “Expõe-lhes o exemplo da vida terrena, que se assemelha à água que enviamos do céu, a qual se mescla com as plantas da terra, as quais se convertem em feno, o qual os ventos disseminam” (ALCORÃO SAGRADO, 2010, p.181).

E na alegoria da relação pai-filho, Nassar, mais uma vez, faz reverberar em seu texto a tradição familiar árabe, que celebra a união, apesar dos constantes conflitos existentes nesta relação, como no trecho do retorno de André à casa: “Vamos festejar amanhã aquele que estava cego e recuperou a vista!” (NASSAR, 2005, p.169), resgatando a Surata 93, “ADH DHUHA – As horas da manhã”, versículos 6, 7 e 8: “Porventura, não te encontrou órfão e te amparou? Não te encontrou extraviado e te encaminhou? Não te achou extraviado e te enriqueceu?” (ALCORÃO SAGRADO, 2010, p.387), bem como a Surata 80, “ÁBAÇA – O austero”, versículos 24 a 36:

- 24 – Que o homem repare, pois, em seu alimento.
- 25 – Em verdade, derrubamos água em abundância,
- 26 – Depois abrimos a terra em fendas,
- 27 – E fazemos nascer o grão,
- 28 – A videira e as plantas (nutritivas),
- 29 – A oliveira e a tamareira,
- 30 – E jardins frondosos,
- 31 – E o fruto e a forragem,
- 32 – Para o vosso uso e o do vosso gado.
- 33 – Porém, quando retumbar o toque ensurdecidor,
- 34 – Nesse dia, o homem fugirá do seu irmão,
- 35 – Da sua mãe e do seu pai,
- 36 – Da sua esposa e dos seus filhos. (ALCORÃO SAGRADO, 2010, p.372-373)

Coelho (2013) afirma que, embora escrevendo em português, Raduan Nassar insufla ao seu romance um poder fundador e sagrado, proveniente da caligrafia árabe, revelando ainda que é através de uma “escrita estilizada/metafórica (pontuada de ‘sinais’, como os do *Alcorão*)” que o autor “visaria eternizar no tempo sua profunda verdade humana/existencial, singular visão de mundo em choque com a Lei do Pai” (COELHO, 2013, p.862). O que se observa nos trechos alegóricos das Suratas corânicas e em *Lavoura Arcaica* é que a natureza, com suas plantas, folhas e frutos, é sempre assemelhada aos laços familiares, tendo nos filhos, ou nas sementes que representam a geração de sucessores, a transmissão de uma tradição, a

herança da terra, os ensinamentos do trabalho e o saber sobre o tempo e a ordem (divina ou patriarcal). Forças volitivas que perpetuam os laços ancestrais, mantendo presa ao solo, e enraizada, a constância da vida: a união da família.

## **5 Considerações Finais**

Os palimpsestos milenares que Raduan Nassar retoma para compor o seu romance *Lavoura Arcaica* são não apenas fonte para o conteúdo da trama da obra como também para o estilo emulado de cada um dos livros sagrados ali escondidos, como o *Tanakh* judaico, a *Bíblia* cristã e o *Alcorão* islâmico. Esta efusão de vozes ancestrais remete a um modo ordenador da vida, que se manifesta nas falas, diálogos e reflexões das personagens do romance (principalmente na figura do pai). O que faz lembrar uma cultura há tempos reconhecida como fundante das práticas, hábitos e costumes ocidentais, cujo cerne é a família e a relação do homem com o trabalho, com o tempo e com a vida.

Os sermões paternos por si só já fazem transparecer as noções de ordem e de lei as quais as culturas hebraica, cristã e muçulmana solidificaram com o passar do tempo. O estilo retórico, misto de máximas sapienciais e reflexões moralizantes, emitidos pelo representante da tradição, o pai (ou o totem), resgata os traços expressivos da linguagem e da forma poética de um Eclesiastes, de uma parábola bíblica e mesmo de uma Surata, compreendendo ensinamentos e ideologias transmitidas de forma alegórica há gerações, e que, inegavelmente, ressoam a um tempo primitivo e sagrado.

E é nesse caminho de ligar-se novamente ao sagrado (o *religare*, religião) que a trama de Nassar se mostra herdeira dos livros expoentes da cultura abraâmica, sem, contudo, deixar de atualizar a novos tempos algumas das lições imbricadas ali. Tanto quanto outras obras que dialogam intertextualmente com seus predecessores, seja homenageando-os via paródia ou pura e simplesmente criticando-os de modo tácito, *Lavoura Arcaica* faz surgir uma voz contrária, que se quer divergente e combativa aos textos sagrados (seus textos de partida), contrapondo-se a eles e provocando uma disjunção semântica e hermenêutica às mensagens éticas e coercitivas daquelas escrituras: a mensagem da revolta de um novo homem, de uma nova sociedade e de uma nova ordem.

Contudo, Raduan Nassar faz tudo sem deixar de prestar o devido tributo àqueles que auxiliaram no fabrico de sua obra, promovendo não só o trânsito dos textos de origem (*Tanakh*, *Bíblia* e *Alcorão*) ao texto de chegada (o romance), como ainda fez inverter o fluxo desta trajetória, visto ser hoje *Lavoura Arcaica* um texto de partida aos livros sagrados. Tal

diálogo intertextual deixa agora rastros do romance nassariano às obras futuras e também aos seus antecessores, que serão, a partir de então, leituras complementares ao esclarecimento da urdidura de seu mosaico médio-orientalista.

## Referências

- ALCORÃO SAGRADO. Trad. Samir El Hayek. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.
- ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BÍBLIA SAGRADA - Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1997.
- BLOOM, Harold. *A angústia da influência - uma teoria da poesia*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- \_\_\_\_\_. Hebreus: Jó e Eclesiastes. *Onde encontrar a sabedoria?* Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p.23-43.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Vol. IV. São Paulo: Leya, 2011.
- CECCAGNO, Douglas. Lavoura arcaica e suas oposições simbólicas. *Letrônica*. Porto Alegre. V. 2. N. 1. p.280-292. Jun-Dez. 2009.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos - Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- COELHO, Nelly Novaes. *Escritores Brasileiros do Século XX - um testemunho crítico*. Taubaté: LetraSelvagem, 2013.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GENETTE, Gerard. *Palimpsestes*. Paris: Seuil, 1982.
- MAGALHÃES, Antônio. *Deus no espelho das palavras - teologia e literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- MILES, Jack. *Deus: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NEJAR, Carlos. *História da Literatura Brasileira - da carta de Caminha aos contemporâneos*. São Paulo: Leya, 2011.
- PONDÉ, Luiz Felipe. *Contra um mundo melhor - ensaios do afeto*. São Paulo: Leya, 2010.
- SEDLMAYER, Sabrina. *Ao lado esquerdo do pai*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- TEIXEIRA, Renata Pimentel. *Uma lavoura de insuspeitos frutos*. São Paulo: Annablume, 2002.

Recebimento: 31/03/2017

Aceite: 20/08/2017